



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

**MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA CASA SANTA MARTA**

Basta uma palavra

Sexta-feira, 25 de novembro de 2016

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 48 de 1 de dezembro de 2016

Deus está sempre pronto para nos salvar, sempre ali, como um pai, que espera unicamente que lhe digamos «Senhor». Chega esta palavra e «ele fará o resto», ajudando-nos a evitar a soberba de cair na «danação eterna» devido ao orgulho de querer «salvar-nos sozinhos». O Papa Francisco advertiu contra as «seduções do diabo» e recordou que «a danação eterna não é uma sala de tortura» mas precisamente o querer-se «afastar» de Deus dando ouvidos, precisamente, às «mentiras» do diabo.

«O reino de Deus está próximo, Jesus tinha-nos dito que o reino de Deus está no meio de nós, mas desenvolve-se e caminha rumo à sua maturidade, rumo ao seu fim», observou o Papa, frisando que «a Igreja, nestes dois últimos dias do ano litúrgico, hoje e amanhã, nos faz refletir sobre o último dia do mundo, antes do fim ou como será o fim no último dia». O apóstolo João, na primeira leitura tirada do livro do Apocalipse (20, 1-4.11-21, 2) «fala-nos do juízo universal: todos seremos julgados». E «antes de tudo o diabo, ele será o primeiro a ser julgado». Há «aquele anjo», prosseguiu referindo-se ao trecho do Apocalipse, «que veio e prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás claro, para que se compreenda bem de quem se está a falar — amarrou-o e lançou-o no abismo». Portanto, eis «o diabo, a serpente antiga, amarrada para que não seduzisse mais as nações, porque ela é sedutora».

Mas o diabo, disse o Pontífice, é o sedutor «desde o início: pensemos em Adão e Eva, como

começou a falar com aquela voz meiga», dizendo que o fruto «é bom» para comer. A sua linguagem é precisamente a da «sedução»: «ele é mentiroso, ou melhor, é o pai da mentira, ele gera mentiras, é um burlão» afirmou o Papa. O diabo «faz-te crer que se comeres esta maçã serás como Deus; apresenta-a assim, e tu compra-la e no final ele burla-te, engana-te, arruína-te a vida».

Mas a este ponto devemos perguntar «como podemos fazer para não nos deixarmos enganar pelo diabo». É precisamente Jesus quem nos ensina a atitude justa: «nunca dialogar com o diabo». De facto, «o que fez Jesus com o diabo? Afastava-o, perguntava-lhe o nome», mas não dialogava com ele. Poder-se-ia objetar que «no deserto, na tentação, houve um diálogo»; mas, acrescentou o Papa, «reparai bem, Jesus nunca usou uma palavra própria porque estava ciente do perigo». E assim «nas respostas, nas três respostas que deu ao diabo, tirou as palavras da Bíblia, da palavra de Deus: defendeu-se com a palavra de Deus». Deste modo, «Jesus dá-nos o exemplo: nunca dialogar com ele; não se pode dialogar com este mentiroso, com este burlão que procura a nossa ruína». E, por isso, «o sedutor será lançado no abismo».

«A narração de João prossegue», explicou o Pontífice retomando o fio do trecho do Apocalipse. E assim «surgem as almas dos mártires, os que deram testemunho de Jesus Cristo e não adoraram o bezerro — ou seja, o diabo e os seus seguidores — não adoraram o dinheiro, nem a mundanidade, nem a vaidade, não se misturaram com o orgulho». São «os humildes», que «deram a vida também por isto e assim se mostram». E depois eis «o trono onde o Senhor estará para nos julgar: os vivos e os mortos, grandes e pequenos de pé diante do trono». E portanto «os livros foram abertos», escreve ainda São João, porque «o juízo começa: “os mortos e as suas obras foram julgados com base naqueles livros”». Portanto, «cada um de nós será julgado segundo as nossas obras».

E João prossegue ainda: «Depois a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo». Trata-se «daqueles danados». O Papa quis analisar precisamente esta frase do Apocalipse: «Esta é a segunda morte, o lago de fogo». Na realidade, explicou, «a danação eterna não é uma sala de tortura, esta é uma descrição da segunda morte: é uma morte». E «aqueles que não forem recebidos no reino de Deus é porque não se aproximaram do Senhor: trata-se dos que foram sempre pela sua vereda, afastando-se do Senhor passam diante do Senhor e afastam-se sozinhos». Por isso «a danação eterna é este afastar-se continuamente de Deus, é a maior dor: um coração insatisfeito, um coração que é feito para encontrar Deus mas devido à soberba, por ter confiado demasiado em si mesmo, afastou-se de Deus».

Ao contrário, Jesus procurou atrair os soberbos «com palavras de mansidão» dizendo: «Vem». E diz isto para perdoar. «Mas os soberbos — prosseguiu Francisco — afastaram-se, vão pelo seu caminho e esta é a danação eterna: afastados para sempre de Deus que dá a felicidade, do Deus que nos ama tanto». Na realidade «não sabemos» se «são tantos», mas «sabemos apenas que este é o caminho da danação eterna». Por conseguinte, o afastamento é «o fogo de não se poder

aproximar de Deus por não querer». É a atitude daqueles «que todas as vezes que o Senhor se aproxima diziam: “vai embora, arranjo-me sozinho”. E continuam a arranjar-se sozinhos na eternidade: isto é trágico».

O trecho do Apocalipse concluiu-se assim: «E viu o céu, um céu novo e uma terra nova: de facto, o céu e a terra de antes tinham desaparecido. E viu também a cidade santa, a final, onde todos seremos salvos se abirmos o nosso coração à salvação de Jesus». O Senhor «pede-nos unicamente isto: abrir o coração».

Talvez alguém possa confiar e reconhecer: «Padre, se o senhor soubesse o que fiz...». Mas Jesus sabe. Por isso, «abre o coração e ele perdoa»: mas «não vás por tua conta, não vás pela tua vereda, deixa-te acariciar por Jesus, deixa-te perdoar». É suficiente «uma só palavra, “Senhor”, ele faz o resto, ele faz tudo». Ao contrário, os soberbos, os orgulhosos, vão pelo seu caminho e não conseguem dizer uma palavra, a única que dizem é “eu arranjo-me sozinho”. E «assim acabam no orgulho e fazem tanto mal na vida». Mas para eles, tudo começou ouvindo e seguindo «as seduções da serpente antiga, do diabo, do burlão, do pai da mentira».